

O PRONOME *A GENTE* NA FALA MACEIOENSE: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo descrever e analisar a alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal relacionada ao uso do pronome *a gente* na cidade de Maceió/AL. Para tanto, recorremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e utilizamos, para a análise estatística dos dados, o programa computacional GoldVarb X. Nossa amostra é constituída por 72 entrevistas, estratificadas de acordo com as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. De acordo com os resultados obtidos, verificamos não só que *a gente* é o pronome preferido – 76% versus 24% de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, função sintática e faixa etária – como também que *a gente* é mais frequente com o verbo na 3PS – 94% versus 6% de *a gente* + IPP, sendo essa variação condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária.

Palavras-chave: Alternância pronominal. Concordância verbal. Variação. Língua falada.

Abstract: This study aims to describe and analyze the pronominal alternation between forms *nós* and *a gente* and verbal agreement related to the use of the pronoun *a gente* in Maceió/AL. For this propose, we follow the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972) and we use for statistical analysis of data the computational program GoldVarb X. Our sample consists of 72 interviews, stratified according to the variables sex/gender, age and education. According with the results, we verify not only that *a gente* is the preferred pronoun – 76% versus 24% of *nós*, this being conditional variation by the variables formal parallelism, syntactic function and age – but also *a gente* is more frequent with the verb in the 3PS – 94% versus 6% of the *a gente* + 1PP, and this variation is conditioned by variables explicitness of the subject, phonic salience, education and age.

Keywords: Pronominal alternation. Verbal agreement. Variation. Spoken language.

Introdução

O quadro tradicional de pronomes apresentado na maior parte das gramáticas e dos materiais que servem de modelo ao ensino de Língua Portuguesa elege apenas as formas do pronome *nós* para a referência à primeira pessoa do plural. No entanto, a implementação de *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, segundo Lopes (2002; 2004), iniciou-se

* Faculdade de Letras – campus do Sertão, UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil. E-mail: elyne.vitorio@gmail.com.

entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*, que, ao passar por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, perde o traço formal de número, perde o traço formal de gênero [+ feminino] e ganha o traço [+ pessoa].

Encaixado no sistema linguístico do português brasileiro, estudos sociolinguísticos (OMENA, 2003; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; SANTOS, 2014; VIANNA; LOPES, 2012; 2015; VITÓRIO, 2015, 2016) mostram que *a gente* não só tem ocupado o espaço do pronome *nós* para a referência à primeira pessoa do plural na posição de sujeito, como em *nós estudamos sintaxe / a gente estuda sintaxe*, como também começa a se implementar nas posições de complemento e adjunto, como em *o menino nos atendeu / o menino atendeu a gente* e *o nosso trabalho foi um sucesso / o trabalho da gente foi um sucesso*.

Outro ponto a destacar diz respeito ao fato de que, nas variedades brasileiras, a forma pronominal preferida para representar a primeira pessoa do plural tanto pode ocorrer com o verbo na terceira pessoa do singular – 3PS, como *a gente estuda sintaxe*, quanto com o verbo na primeira pessoa do plural – 1PP, como *a gente estudamos sintaxe*, mostrando, assim, que a concordância verbal de primeira pessoa do plural constitui um fenômeno variável a depender de variáveis linguísticas e extralinguísticas (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; COELHO, 2006; MATTOS, 2010; VIANNA, 2011; RUBIO, 2012; MATTOS, 2013).

Marcotulio, Vianna e Lopes (2013), ao tratarem da concordância com o pronome *a gente* no português, argumentam que o processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente* fez com que esse pronome não só guardasse traços morfossintáticos do nome *gente*, como também adquirisse algumas propriedades intrínsecas dos pronomes pessoais. Segundo os autores, na gramática, estão disponíveis dois conjuntos de traços, a saber, traço gramatical (3PS) e traço semântico (1PP), o que seriam responsáveis pela geração de diferentes padrões de concordância no português brasileiro e no português europeu.

Naro, Görski e Fernandes (1999) também argumentam que:

Em português padrão, o sujeito de primeira pessoa do plural é *nós* e sua forma verbal correspondente é feita com a flexão gramatical *-mos*. Um exemplo típico é *nós falamos*. Entretanto, há uma alternativa para o sujeito pronominal de primeira pessoa do plural: *a gente*, que deriva de um sintagma nominal com a mesma forma e significa *as pessoas*. Na linguagem padrão, o verbo usado com *a gente* recebe desinência de terceira pessoa do singular, com terminação zero. Um típico exemplo é *a gente fala*. Conquanto, o uso do pronome sujeito, com certa frequência, não é obrigatório, e, na linguagem informal, a desinência *-mos* é omitida com *nós* e usada com *a gente*, a despeito do papel categorial e ao contrário do padrão. As formas *nós falamos* e *a gente fala* são padrão; *nós fala* e *a gente falamos* são não padrão. (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999, p. 201, tradução nossa).

Neste trabalho, objetivamos analisar a alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal relacionada ao uso do pronome *a gente* na fala maceioense, com o intuito de agregar informações ao mapeamento linguístico do português brasileiro que tem como foco as formas pronominais de 1ª pessoa do plural (cf. VIANNA; LOPES, 2015). Para tanto, realizamos uma análise quantitativa dos dados com o objetivo de responder às seguintes questões: qual a frequência de uso de *nós* e *a gente* na comunidade estudada, que fatores linguísticos e/ou sociais condicionam a realização de *a gente*, como esse pronome se comporta em relação ao fenômeno da concordância verbal e que variáveis condicionam a variação de *a gente* + 3PS e *a gente* + 1PP.

Nossas hipóteses são que, na fala maceioense, *a gente* é o pronome preferido para representar a primeira pessoa do plural, podendo ser condicionado pelas variáveis determinação do referente, paralelismo formal, função sintática, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade, e que esse pronome tanto pode ocorrer com o verbo na 3PS quanto na 1PP, podendo essa variação ser condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, determinação do referente, paralelismo formal, saliência fônica, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam esta pesquisa; em seguida, analisamos os resultados obtidos para a alternância pronominal *nós* e *a gente*; e, por fim, descrevemos os resultados encontrados para a variação na concordância verbal com o pronome *a gente*. Nosso objetivo é que os resultados aqui apresentados possam contribuir para o mapeamento do português brasileiro tomando por base a língua usada na cidade de Maceió/AL.

Aporte teórico-metodológico

Para a descrição e análise dos dados, recorreremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), que toma como objeto de análise a variação e a mudança linguística, mostrando, assim, que a língua é um fator importante na identificação e na demarcação de diferenças linguísticas e sociais na comunidade de fala, sendo, portanto, constituída de uma heterogeneidade ordenada. A língua é um sistema inerentemente variável, dotada de regras variáveis, que são condicionadas por restrições linguísticas e sociais.

Tal proposta não só leva em consideração a influência de fatores linguísticos e sociais no condicionamento dos fenômenos linguísticos variáveis, como também propõe algumas etapas básicas que devem ser seguidas pelo pesquisador sociolinguista para a sistematização

de regras variáveis, a saber: definir a variável dependente e as variáveis independentes, delimitar a amostra da pesquisa e obter o *corpus*, transcrever, codificar e quantificar os dados e, por fim, interpretar e explicar os resultados obtidos (GUY; ZILLES, 2007).

O trabalho de interpretação e explicação de dados sociolinguísticos leva os pesquisadores a focalizarem suas análises em até cinco problemas propostos pela teoria laboviana: restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação das formas variantes, proporcionando, assim, a descrição do perfil sociolinguístico dos falantes de diversas comunidades de fala em relação a diferentes fenômenos linguísticos variáveis situados nos níveis fonético-fonológico, morfossintático, discursivo e lexical.

Para a descrição e análise da alternância pronominal na cidade de Maceió/AL, consideramos uma variável dependente binária, que é constituída pelas realizações das formas pronominais *nós* e *a gente* em diferentes funções sintáticas, como observamos nos exemplos (1), (2), (3) e (4), e selecionamos as seguintes variáveis independentes como possíveis grupos de fatores condicionantes da variação em estudo: determinação do referente, paralelismo formal, função sintática, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade¹.

- (1) tem outras – tem a segurança que *a gente* fica ali tomando conta do porto – então os funcionários vão embora e – ali tudo é *nossa* responsabilidade (L12L1786)²;
- (2) é – ônibus de estudante – pra trazer os estudantes – *a gente* já encontrou um motorista que – tinha um motorista que trabalhou com *a gente* que trouxe *a gente* por um tempo que ele detestava os estudantes (L23L3269);
- (3) *a gente* tem um armazém de construção e tem um ano que *a gente* abriu /mais, mas/ assim novo no comércio porque *a gente* não mexia nada em material de construção – aí um primo dele *nos* cedeu um funcionário que tinha (L36L4781);
- (4) – sem um planejamento sem uma atenção quer dizer o nível de violência cada dia vai aumentar – então o *nosso* estado ele tinha uma violência velada e agora ela tá assim – abriu as portas escancarou e *nós* não temos ainda eu acho que o governo ainda não encontrou um meio certo para coibir porque *nós* precisamos coibir (L70L8757).

¹ Não controlamos as variáveis tempo verbal e explicitude do sujeito na análise da alternância pronominal *nós* e *a gente*, uma vez que focalizamos a realização desses pronomes em diferentes funções sintáticas.

² Os códigos apresentados entre parênteses após os exemplos referem-se às seguintes orientações de ordenação dos dados: uma letra L seguida de um número, que representam um locutor específico e uma letra L seguida de um número, que representam a linha de ocorrência do fenômeno em estudo.

Para a descrição e análise da variação da concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* na cidade de Maceió/AL, consideramos uma variável dependente binária constituída pelas variantes *a gente + 3PS* e *a gente + IPP*, como observamos nos exemplos (5) e (6), e, como variáveis independentes potencialmente relevantes na variação em estudo, consideramos os grupos de fatores explicitude do sujeito, determinação do referente, paralelismo formal, saliência fônica, sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

(5) *a gente tava* viajando de Fortaleza só que do Recife pra Maceió \emptyset *fizemos* um desvio por – como é que chama? – Bom Conselho (L42L5488);

(6) *a gente num ia* fazer compras nem nada \emptyset *fomos* passear mesmo pra casa da minha sogra – lá *a gente passeou* muito \emptyset *fomos* pra o cinema – \emptyset *passeamos* muito naquelas praças de Garanhuns né? esse foi um passeio bom (L62L7778).

Nossa amostra é constituída por 72 entrevistas sociolinguísticas de falantes maceioenses que foram coletadas no ano de 2010 e estão organizadas com base em três dimensões de estratificação, a saber, sexo/gênero – homens e mulheres, faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e escolaridade – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior (cf. TARALLO, 2003), apresentando, assim, 18 células sociais compostas por quatro informantes em cada célula (cf. GUY; ZILLES, 2007).

Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), que “mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105).

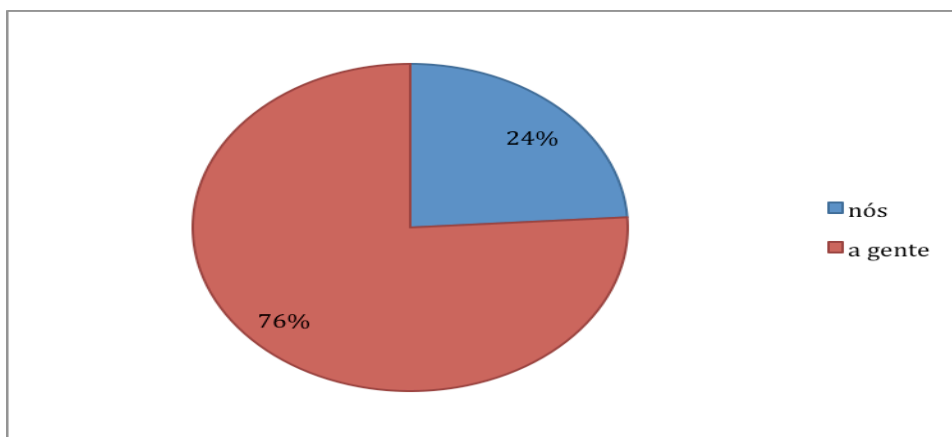
Alternância pronominal *nós* e *a gente*

Variável dependente

Após análise e rodada dos dados, obtivemos um total de 752 realizações dos pronomes *nós* e *a gente* na fala maceioense, que estão distribuídas da seguinte forma: 574 realizações das formas do pronome *a gente* contra apenas 178 realizações das formas do pronome *nós*. Esses dados não só representam percentuais de 76% do pronome *a gente* versus 24% do

pronome *nós*, conforme observamos no gráfico 1, como também mostram que o pronome inovador *a gente* é a variante preferida na comunidade de fala estudada.

Gráfico 1: Percentuais de *nós* e *a gente* na fala maceioense



Fonte: elaborado pela autora

Esses resultados também vão ao encontro dos estudos sociolinguísticos que mostram a preferência pela forma pronominal *a gente* nas variedades do português brasileiro (LOPES, 1998; OMENA, 2003; RAMOS; BEZERRA; ROCHA, 2009; VIANNA; LOPES, 2012, 2015; RUBIO, 2014). Em relação às variáveis independentes potencialmente relevantes na variação em análise, três foram selecionadas pelo GoldVarb X como estatisticamente significativas na variação em estudo, a saber, paralelismo formal, função sintática e faixa etária.

Variáveis independentes

A primeira variável selecionada como estatisticamente significativa na variação *nós* e *a gente* na fala maceioense diz respeito ao paralelismo formal, que é entendido como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva (OMENA, 1996; SCHERRE, 1998), o que significa considerar que a escolha da primeira forma pronominal tende a condicionar os usos das formas subsequentes, desencadeando uma série de repetições da mesma forma pronominal, seja essa forma nula ou preenchida.

Para a análise desta variável, não só consideramos os fatores realização isolada, como observamos em (7); primeiro da série, como observamos em (8); antecedido por *nós*, como observamos em (9); e antecedido por *a gente*, como observamos em (10), como também

partimos do pressuposto de que o pronome inovador *a gente* tende a ser mais frequente no contexto linguístico em que *a gente* for antecedido por *a gente*.

(7) ela tava com uma bolsa e chegou um menino acho que na idade *da gente* e puxou a bolsa dela só que ela com a reação assim inesperada ela nunca tinha passado foi a primeira vez que ocorreu isso com ela (L6L847);

(8) – tá entendendo – num tem essa segurança – às vezes *a gente* quer trabalhar até mais tarde um pouquinho \emptyset num consegue – \emptyset num pode trabalhar (L20L2876);

(9) *nós* fomos de ônibus a noite \emptyset viajamos a noite inteira e \emptyset chegamos na Chapada Diamantina pela manhã – muito divertida a viagem tocando violão bebendo vinho – perfeito (L5L716);

(10) é ônibus de estudante – *a gente* já encontrou um motorista que – tinha um motorista que trabalhou com a gente que trouxe a gente por um tempo que ele detestava os estudantes (L23L3269).

Tabela 1: Realizações de *a gente* na variável *paralelismo formal*

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Realização isolada	130 / 191	68%	0,45
Primeiro da série	109 / 134	81%	0,39
Antecedido por <i>nós</i>	14 / 81	17%	0,04
Antecedido por <i>a gente</i>	321 / 346	93%	0,72

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados obtidos, observamos um percentual de 93% para o fator antecedido por *a gente* e um peso relativo de 0,72, mostrando que esse fator constitui um contexto que condiciona sobremaneira o uso de *a gente*. Esses dados mostram que os falantes, ao utilizarem o pronome inovador, tendem a repeti-lo na mesma sequência discursiva, como observamos em (11). De maneira oposta, quando a referência à primeira pessoa é antecida por *nós*, como observamos em (12), a tendência é que haja baixa realização da variante inovadora, apresentando, assim, um percentual de 17% e um peso relativo de 0,04.

(11) *a gente* fica se expondo ali e é um risco talvez *a gente* num tá sabendo quem tá chegando ali naquela hora da noite – já é um risco né? na época que teve um incêndio e mandaram evacuar todo mundo da área quem só ficou foi *a gente* – a área da segurança né – *a gente* é preparado pra combate de incêndio (L12L1774)

(12) hoje *nós* não temos mais os organismos que repreendiam né? os organismos hoje *a gente* num confia mais neles (L70L8742)

Em relação aos fatores realização isolada e primeiro da série, também verificamos que são contextos linguísticos que tendem a desfavorecer a realização do pronome inovador na fala maceioense, mas não com a mesma força de desfavorecimento do fator antecedido por *nós*, que é da ordem de 0,04. No fator realização isolada, como observamos em (13), obtivemos um percentual de 68% e um peso relativo de 0,45, e, no fator primeiro da série, como observamos em (14), obtivemos um percentual de 81% e um peso relativo de 0,39.

(13) tem muito o que melhorar né? em limpeza segurança – uma série de coisa – porque um região dessa com tanto lixo com tanta poeira com tanta terra – aqui num passa ninguém ninguém pra varrer não existe gari nessa região a não ser que *a gente* põe na porta e pronto – não existe isso aqui – uma região dessa (L20L2862);

(14) *a gente* tomou banho no rio Ø ficou numa barraquinha – uma barraca que tem lá – depois *a gente* veio pra casa já (L24L3361).

A segunda variável selecionada como estatisticamente significativa na variação em estudo diz respeito à função sintática que as formas pronominais *nós* e *a gente* podem desempenhar na sequência discursiva. De acordo com os dados analisados, observamos cinco possibilidades de funções sintáticas que podem ser exercidas por essas formas pronominais, a saber, sujeito, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal e adjunto adverbial, como observamos em (15), (16), (17), (18) e (19), respectivamente.

(15) todo dia que eu saio de casa eu tô pondo a minha vida em risco quando *a gente* pega um coletivo desses é aquela coisa (L30L4106);

(16) *a gente* quer um negócio mais maneiro – aí ele não aí tem – aí ele saiu a procurar de repente o policial empurrou *a gente* segurou *a gente* – aí pegou *a gente* (L3L454);

(17) a gente num mexia em material de construção aí um primo dele *nos* cedeu um funcionário que tinha lá (L36L4783);

(18) não estava acordada quando o ônibus começou a pegar fogo e não sobrou nada de ninguém né – só *nossa* vida mesmo e cheguei né? (L9L1299);

(19) o transporte às vezes chega cedo *com a gente* (L1L144).

Tabela 2: Realização de *a gente* na variável função sintática

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Sujeito	524 / 624	84%	0,60
Objeto direto	19 / 21	90%	0,64
Objeto indireto	10 / 19	53%	0,34
Adjunto adnominal	12 / 78	15%	0,03
Adjunto adverbial	9 / 10	90%	0,62

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que o pronome inovador tende a ser mais frequente nas funções de objeto direto, com um percentual de 90% e um peso relativo de 0,64, adjunto adverbial, com um percentual de 90% e um peso relativo de 0,62, e sujeito, com um percentual de 84% e um peso relativo de 0,60, conforme podemos observar nos exemplos (20), (21) e (22), respectivamente. Esses dados corroboram a afirmação de Omena (2003) de que esses contextos sintáticos favorecem sobremaneira a realização de *a gente*.

(20) quando eu ia eu e meu marido na bicicleta os caras botaram o revolver e assaltaram *a gente* – a minha casa já tentaram invadir (L38L5068);

(21) deixa eu contar um dia em que o professor saiu *com a gente* para o passeio da disciplina de ambiental – uma resenha só (L28L3757);

(22) em salão *a gente* nem conta com as pessoas que moram perto e sim as pessoas que moram longe em outro lugar que vem aqui pro salão (L16L2243).

No que diz respeito à função de objeto indireto, como observamos em (23), temos um percentual de 53% e um peso relativo de 0,34, mostrando-se como um contexto sintático que desfavorece tal realização. Porém, o contexto que menos favorece a entrada da variante

inovadora na comunidade estudada relaciona-se à função sintática de adjunto adnominal, como observamos em (24), apresentando, assim, um percentual de 15% e um peso relativo de 0,03 e indicando que, nessa função sintática, há mais realizações das formas *nosso (a) (s)*.

(23) quer dizer nada contra quem bebe não tou aqui criticando colocando assim situações que as pessoas colocam *pra gente* né? (L70L8803);

(24) saiu não – só saiu o lado *da gente* e o outro lado das bananas (L9L1219).

Neves (2002), Omena (2003), Rafael (2010), Vianna e Lopes (2012) e Araújo e Almeida (2014) também mostram que, na função sintática de adjunto adnominal, as formas possessivas *nosso(s)* e *nossa(s)* se mantêm como a estratégia preferencial para referência à primeira pessoa do plural nas variedades dos português brasileiro, como observamos em (25), configurando-se como um contexto sintático que inibe a entrada do pronome inovador.

(25) a gente percebe isso a gente tá sentindo que a gente tá pondo a *nossa* vida em risco e infelizmente precisando daquele serviço (L30L4117).

O uso de *a gente* por *nós* avançou mais em alguns contextos do que em outros: predomina na função de adjunto adverbial – *com a gente* é bem mais frequente do que *conosco*, chegando a ser categórico entre as crianças. Na função de complemento e de sujeito, com taxas diferentes entre crianças e adultos, *a gente* predomina; há pouca incidência na função do adjunto adnominal – *da gente* –, como preferência para o possessivo – *nosso(s)*, *nossa(s)*. (OMENA, 2003, p. 65).

A última variável estatisticamente significativa na variação em estudo diz respeito à faixa etária dos falantes. Caracterizada como um grupo de fatores de grande relevância para os estudos sociolinguísticos, pois torna possível o esboço do estágio que uma regra variável desempenha, em tempo aparente, dentro do sistema linguístico, controlamos a variável faixa etária com o intuito de verificar se, na comunidade de fala maceioense, estamos diante de um processo de variação estável ou de mudança em progresso (cf. LABOV, 1994).

Dessa forma, se *a gente* é a variante mais utilizada, objetivamos analisar se a aplicação dessa variante é maior entre os falantes mais jovens. Para tanto, dividimos nossa variável em três fatores, a saber, F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e partimos do pressuposto de que a frequência do pronome inovador é maior entre os falantes mais jovens e

menor entre os falantes mais velhos, o que implica considerar que pode ser um indício de um processo de mudança em progresso na comunidade de fala maceioense.

A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos falantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso [...]. (TARALLO, 2003, p. 65).

Tabela 3: Realização de *a gente* na variável faixa etária

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
F1 (15-29 anos)	167 / 178	94%	0,74
F2 (30-44 anos)	206 / 249	83%	0,56
F3 (acima de 44 anos)	201 / 325	62%	0,31

Fonte: elaborada pela autora

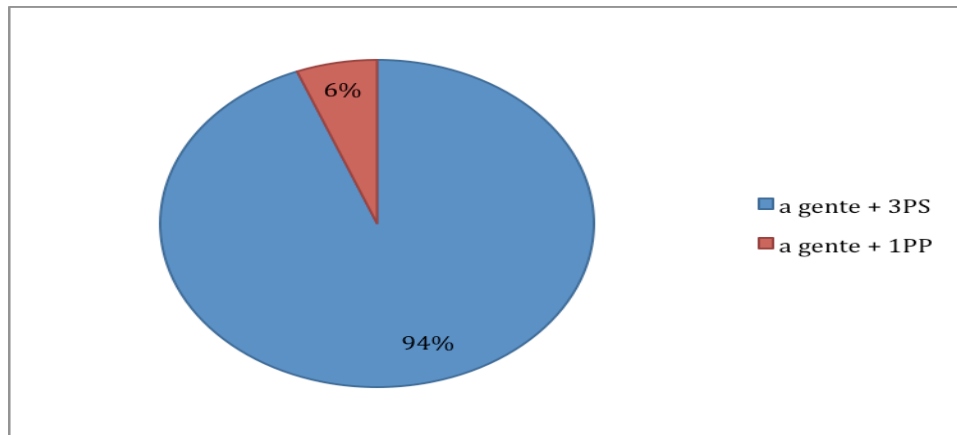
De acordo com os resultados obtidos, verificamos que a variante inovadora não só é a forma preferida em todas as faixas consideradas, como também que é mais frequente entre os falantes mais jovens – 94%, diminuindo o seu percentual de uso à medida que aumenta a faixa etária dos falantes, o que parece indicar que estamos diante de uma mudança em curso na comunidade estudada. Em relação aos pesos relativos, verificamos que enquanto os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos) favorecem a realização de *a gente* – 0,74 e 0,56, respectivamente, os falantes da F3 (acima de 44 anos) tendem a desfavorecê-la – 0,31.

Concordância verbal com *a gente*

Variável dependente

Após análise e rodada dos dados, obtivemos um total de 524 realizações de concordância verbal com o pronome *a gente*, que estão distribuídas da seguinte forma: 494 realizações de *a gente* + 3PS contra apenas 30 realizações de *a gente* + 1PP. Esses dados não só representam percentuais de 94% de *a gente* + 3PS versus 6% de *a gente* + 1PP, conforme podemos observar no gráfico 2, como também mostram que, na fala maceioense, o pronome inovador *a gente* é preferido com o verbo na terceira pessoa do singular – 3PS.

Gráfico 2: Percentuais de *a gente + 3PS* e *a gente + 1PP* na fala maceioense



Fonte: elaborado pela autora

Esses resultados vão ao encontro dos estudos de Rubio (2012), Coelho (2006), Carmo e Araújo (2010), Mattos (2010) e Vianna (2011), que apresentam, respectivamente, percentuais de 6%, 4%, 2,2%, 1% e 1% para a realização de *a gente + 1PP*, o que parece indicar que a concordância verbal com *a gente* não é um fenômeno amplamente variável em áreas urbanas. Em relação às variáveis independentes, quatro foram selecionadas pelo GoldVarb X, a saber, explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária.

Variáveis independentes

A primeira variável selecionada na variação da concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* na fala maceioense diz respeito à explicitude do sujeito. Para a nossa análise, não só consideramos os fatores sujeito explícito e sujeito implícito, como observamos em (26), como também partimos do pressuposto de que sujeitos não realizados foneticamente levam a maior realização do morfema número-pessoal de plural, favorecendo, assim, a realização da primeira pessoa do plural – 1PP, como observamos em (27).

(26) eu e uma amiga minha e ela dirigindo biritada aí *a gente ia* bater num ônibus \emptyset desviou e \emptyset bateu no poste (L13L1914);

(27) *a gente teve* uma semana em Fortaleza que geralmente quando *a gente vai fazer* compras são dois dias né – nesse dia foi uma semana aí *Ø fizemos* as compras e *Ø fomos* para o beach park (L9L1309).

Tabela 4: Realização de *a gente + IPP* na variável explicitude do sujeito

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Sujeito explícito	6 / 431	2%	0,37
Sujeito implícito	24 / 93	26%	0,93

Fonte: elaborada pela autora

Os resultados obtidos mostram que sujeitos implícitos, ocultos ou desinenciais tendem a favorecer a realização de *a gente + IPP*, apresentando um percentual de 26% e um peso relativo de 0,93, fato que não ocorre quando o sujeito é foneticamente realizado ou explícito, que apresenta um percentual de 2% e um peso relativo de 0,37. Esses dados corroboram a ideia de que sujeitos implícitos levam a maior aplicação de marcas de 1PP, passando essas marcas a atuarem como a única forma de identificação de pessoa do discurso, já que não há, nesses casos, a presença formal do sujeito (cf. RUBIO, 2014), como observamos em (28).

(28) porque *a gente foi* a turma cobaia – *a gente teve* que passar por um monte de coisa que *Ø não deveríamos* ter passado (L27L3606)

A segunda variável selecionada como estatisticamente significativa diz respeito à saliência fônica. Para a nossa análise, consideramos os fatores [- saliente] e [+ saliente], como observamos em (29) e (30), respectivamente, e partimos do pressuposto de que o fator [+ saliente] é mais favorável à realização de *a gente + IPP*, uma vez que os maiores níveis de saliência fônica entre as formas verbais levam a maiores frequências de uso da forma de 1PP (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; COELHO, 2006; RUBIO, 2012).

(29) *a gente precisa* ser assistida pela polícia (L43L5526);

(30) um passeio de final de semana – *a gente andou* dois dias sábado e domingo – eu achei maravilhoso (L43L5549).

Tabela 5: Realização de *a gente + IPP* na variável saliência fônica

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
[- saliente]	16 / 424	4%	0,45
[+ saliente]	14 / 100	14%	0,73

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados, verificamos que *a gente + IPP* tende a ser mais frequente no contexto [+ saliente], apresentando um percentual de 14% e um peso relativo de 0,73, ao passo que o contexto [- saliente] apresenta-se como inibidor dessa realização, apresentando um percentual de 4% e um peso relativo de 0,45, confirmando, assim, a hipótese de que o fator [+ saliente] favorece a realização de *a gente + IPP*, ou seja, quanto maiores os níveis de saliência fônica, maiores são os percentuais de IPP, como observamos em (31).

(31) *a gente fomos* passear mesmo pra casa da minha sogra (L62L7778).

Selecionada como a terceira variável relevante na variação em estudo, a escolaridade constitui um fator social significativo na manutenção ou exclusão de formas gramaticais, mostrando que pessoas mais escolarizadas tendem a usar mais as formas prescritas nos manuais normativos, o que nos leva à seguinte correlação: maior escolaridade, maior uso das formas padrão; menor escolaridade, menor uso das formas padrão. Em nossa análise, consideramos os fatores ensino fundamental, ensino médio e ensino superior e partimos do pressuposto de que *a gente + IPP* será mais frequente entre os falantes menos escolarizados.

Tabela 6: Realização de *a gente + IPP* na variável escolaridade

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
Ensino Fundamental	14 / 127	11%	0,71
Ensino Médio	13 / 156	8%	0,69
Ensino Superior	3 / 241	1%	0,28

Fonte: elaborada pela autora

Os resultados mostram que os falantes do ensino fundamental e ensino médio apresentam as mesmas tendências em relação ao uso de *a gente + IPP*, apresentando,

respectivamente, percentuais de 11% e 8% e pesos relativos de 0,71 e 0,69, o que indica que são favoráveis à realização dessa variante linguística, ao passo que os falantes do ensino superior apresentam apenas 1% de uso, desfavorecendo, assim, tal realização – 0,28. Esses dados mostram que os falantes de nível superior tendem a manter os usos linguísticos mais próximos da norma culta, pois estão mais expostos às pressões normativas³.

A observação do dia-a-dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Contata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendência de mudança em curso nessas comunidades. Veículo de familiarização com a literatura nacional, a escola incute gostos, normas, padrões estéticos e morais em face da conformidade de dizer e de escrever. (VOTRE, 2003, p. 51).

A variável faixa etária foi o último grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb X como estatisticamente significativo na variação em estudo. Para a nossa análise, não só consideramos os fatores F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos), como também partimos do pressuposto de que a realização de *a gente + IPP* seria mais favorecida entre os falantes mais jovens, uma vez que esses falantes são vistos como mais inovadores e, dessa forma, tendem a usar mais variantes não prestigiadas socialmente⁴.

Tabela 7: Realização de *a gente + IPP* na variável faixa etária

Fatores	Aplic. / Total	Percentual	Peso relativo
F1 (15-29 anos)	6 / 160	4%	0,40
F2 (30-44 anos)	7 / 197	4%	0,34
F3 (acima de 44 anos)	17 / 167	10%	0,77

Fonte: elaborada pela autora

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que as poucas realizações de *a gente + IPP* são favorecidas pelos falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos), que apresentam um percentual de 10% e um peso relativo de 0,77, ao passo que os falantes das F1 (15-29 anos) e F2 (30-44 anos) desfavorecem tal realização, apresentando um percentual de 4% e

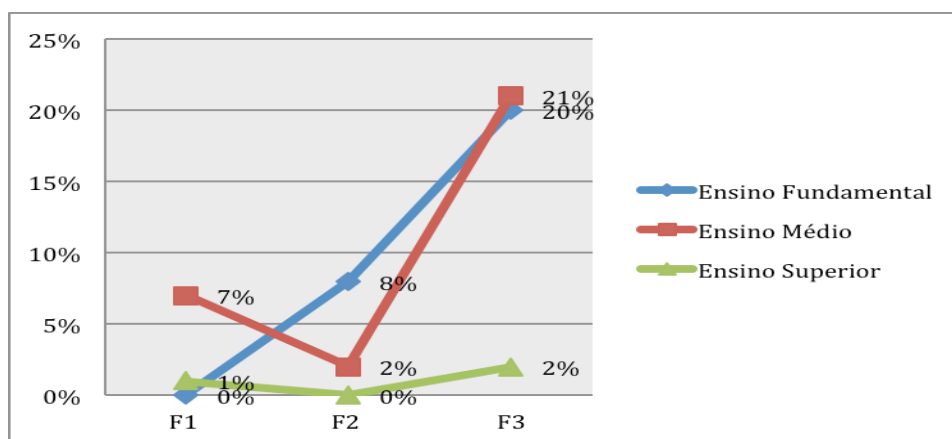
³ Segundo Faraco (2008, p. 54), a expressão norma culta “deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita”.

⁴ De acordo com Vitória (2017, no prelo), o uso de *a gente + IPP*, na fala maceioense, pode ser entendido como um estereótipo linguístico, ou seja, um traço linguístico fortemente sensível à avaliação social.

pesos relativos de 0,40 e 0,34, respectivamente. Esses resultados contrariam a nossa hipótese de que os falantes da F3 (acima de 44 anos) utilizariam menos a variante *a gente + IPP*.

Ainda com o intuito de checar a atuação das variáveis sociais escolaridade e faixa etária na realização de *a gente + IPP* na fala maceioense, realizamos o cruzamento desses grupos de fatores e obtivemos os seguintes resultados.

Gráfico 3: Realização de *a gente + IPP* nas variáveis escolaridade e faixa etária



Fonte: elaborado pela autora

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que entre os falantes do ensino superior de todas as faixas etárias quase não há a realização de *a gente + IPP*, apresentando um percentual maior entre os falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos) – 2%, e que são os falantes mais velhos – F3 (acima de 44 anos) dos ensinos fundamental e médio que mais realizam *a gente + IPP* na comunidade estudada, apresentando percentuais de 20% e 21%, o que pode ser um indício de um processo de hipercorreção na língua falada.

Considerações finais

Neste trabalho, focalizamos na análise da alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e na concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente* na fala maceioense. Para tanto, recorremos à Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e utilizamos uma amostra sincrônica composta de 72 entrevistas, que está estratificada segundo as variáveis sexo/gênero – homens e mulheres, faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e escolaridade – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

Em relação à alternância pronominal *nós* e *a gente*, verificamos que *a gente* é o pronome selecionado – 76% versus 24% de *nós* –, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, função sintática e faixa etária, com *a gente* sendo mais frequente nos seguintes contextos: *a gente* antecedido por *a gente*, nas funções sintáticas de objeto direto, adjunto adverbial e sujeito, e entre os falantes mais jovens, revelando, em tempo aparente, indício de um processo de mudança em progresso.

No que diz respeito à concordância verbal estabelecida com o pronome *a gente*, observamos que *a gente* + 3PS é a forma preferida na fala maceioense – 94% versus 6% de *a gente* + IPP –, sendo essa variação condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária, com a variante *a gente* + IPP sendo mais frequente nos seguintes contextos: sujeito implícito, quando há mais saliência fônica entre as formas verbais, entre os falantes menos escolarizados e mais velhos, o que pode ser um indício de que o seu uso esteja relacionado ao fenômeno da hipercorreção.

Estudos dessa natureza se justificam porque contribuem para um maior conhecimento sociolinguístico do uso variável dessas variantes na fala maceioense. Dessa forma, desejamos não só ter contribuído para esclarecer as restrições que se correlacionam com a alternância pronominal *nós* e *a gente* e a concordância verbal com o pronome *a gente*, como também esperamos que os resultados aqui expressos possam contribuir para o mapeamento sociolinguístico do português brasileiro (cf. MARTINS; ABRAÇADO, 2015).

Referências

- ARAÚJO, S. S. F.; ALMEIDA, R. S. A forma possessiva *da gente* em comunidades rurais do semiárido baiano. In: ALMEIDA, N. L. F.; CARNEIRO, Z. O. N. (Org.). *Variação linguística no semiárido baiano*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. 294p.
- CARMO, S. D. S.; ARAÚJO, S. S. F. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural no português popular falado em feira de Santana-BA. In: *Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana*, UEFS, 2010, p. 575-580.
- COELHO, R. F. *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana*. São Paulo, 2006. 175f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2006.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008. 205p.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239p.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. 344p.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Vol. 1. Oxford, Blakwell Publishers, 1994. 664p.

LOPES, C. R. S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, v. 14, n. 2, 1998.

LOPES, C. R. S. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIM, T. M. (Org.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002. 521p.

LOPES, C. R. S. A gramaticalização de a gente em português em tempos real de longa e curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2004.

MARCOTULIO, L.; VIANNA, J.; LOPES, C. Agreement patterns with *a gente* in Portuguese. In: MOTA, M. A.; VIEIRA, S. R. (Org.). *Journal of Portuguese Linguistics*. v. 12, n.2, 2013.

MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. 333p.

MATTOS, S. E. R. A primeira pessoa do plural em Goiás. In: MARÇALO, M. J.; LIMA HERNANDES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Ed.). *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Universidade de Évora: Évora, 2010.

MATTOS, S. E. R. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. 137f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

NARO, A. J.; GÖRSKY, E.; FERNANDES, E. Change without change. *Language Variation and Change*, 11, p. 197-211, 1999.

NEVES, M. H. M. Possessivos. In: CASTILHO, A. C. (Org.). *Gramática do português falado*. V. III: as abordagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. 440p.

OMENA, N. O. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996. 395p.

OMENA, N. O. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. 206p.

RAFAEL, N. *Variação, mudança e ensino: o caso dos pronomes possessivos ‘da gente’ e nosso(a) (s) em uma abordagem sociofuncionalista*. 2010. 82f. Dissertação (Mestrado em

Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

RAMOS, C. M. A.; BEZERRA, J. R. M.; ROCHA, M. F. S. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. *Revista Signum*. Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, jul. 2009.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. São José do Rio Preto, 2012. 391f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2012.

RUBIO, C. F. Decisões metodológicas no estudo de fenômenos variáveis de primeira pessoa do plural. *Anais do XVII Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, 2014.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. 2014. 87f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2014.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, jul./dez. 1998.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. Ática: São Paulo, 2003. 96p.

VIANNA, J. S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Rio de Janeiro, 2011. 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. 333p.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. A variação nós e a gente na posição de sujeito na fala de crianças da cidade de Maceió/AL. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 9, n.14, p. 126-141, 2015.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Variação nós e a gente na fala culta de Maceió/AL. *Revista Interdisciplinar*. Ano XI, v 24, jan./abr., p. 159-172, 2016.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso dos pronomes nós e a gente na cidade de Maceió/ AL. *Matraga*, Rio de Janeiro, 2017. No prelo.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.